



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede TV

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 11 de novembro de 2009

Obs: A entrevista foi veiculada no dia 15 de novembro de 2009, no programa “É Notícia”

Jornalista: Boa noite. Em comemoração aos dez anos da Rede TV, temos hoje um convidado especial, o presidente Lula. Boa noite, Presidente. Obrigado por ter vindo ao “É Notícia”.

Presidente: Boa noite, Kennedy.

Jornalista: Presidente, eu queria começar falando da sua infância. O senhor nasceu em 1945, em Caetés, que era distrito de Garanhuns. Aos sete anos foi para o Guarujá, no litoral paulista. Esses sete anos que o senhor viveu em Caetés, quais são as memórias mais marcantes daquele período?

Presidente: Eu tinha sete anos de idade. Eu tenho, acho que guardado na minha memória, acho que quase tudo o que aconteceu nesse período. Eu lembro, como se fosse uma fotografia, da casa em que eu nasci; eu lembro da árvore que tinha na frente da minha casa, que eu imaginava que era grande. Depois de 27 anos eu voltei lá, era uma árvore pequena, que era um pé de mulungu.

Jornalista: Como é que era a casa?



Presidente: Era uma meia-água, era uma casinha pequena de chão batido. Era a casinha em que vive uma parte dos nordestinos que ainda não participaram do programa Minha Casa, Minha Vida.

Jornalista: Teve uma infância feliz, Presidente?

Presidente: Eu acho que eu tive, veja, eu acho que eu tive. Para os padrões daquela época, eu tinha uma mãe que cuidava bem da gente, tinha oito irmãos, eu era o caçula dos homens. Eu lembro que quando chovia a gente ficava fazendo uma barragem de areia para catar água para beber. Eu lembro quando a gente saía para pegar tanajura para comer, aquele formigão que... Eu lembro quando a gente ia ao açude pegar água. Então, eu tenho muita, muita coisa desse período. Eu acho que eu era feliz porque... para o mundo em que eu vivia, eu era feliz porque eu tinha uma família que vivia em harmonia.

Jornalista: O seu pai, o “seu” Aristides Inácio da Silva, ele foi para São Paulo, e a dona Lindu, que é a dona Eurides Ferreira de Melo, ficou com os filhos lá em Garanhuns. Como é que ela manejou para tomar conta de vocês? O “seu” Aristides mandava recursos? Como é que era essa vida? Como é que ela tomou conta de vocês?

Presidente: Olha, meu pai saiu quando minha mãe ficou grávida de mim e quem ficou tomando conta da minha família foi um padrinho meu, irmão do meu pai, que nós chamávamos de padrinho José. Aí, eu só fui ver meu pai em 1950, quando ele voltou a Garanhuns para visitar a família.

Jornalista: Tinha cinco anos.

Presidente: Eu já tinha cinco anos de idade. A lembrança que eu tenho é que



meu pai nunca deixou faltar os recursos para a minha mãe fazer... dar sustento aos filhos. Ele mandava o dinheiro. O que nós não sabíamos é que ele estava em Santos com outra mulher e com outra família.

Jornalista: Quer dizer, ele constituiu uma outra família lá.

Presidente: Constituiu, constituiu com uma prima da minha mãe, o que é mais grave. Essa moça desapareceu quando ele viajou, e dava-se a moça como desaparecida e depois a moça apareceu, morando com o meu pai. Eu acho que meu pai era um homem rude, mas eu penso que aquilo que, na época, era essencial, o padrão de compreensão das famílias naquele momento, ele cumpria. Ele dava comida aos seus filhos.

Jornalista: O senhor falou aí que o pai do senhor era um homem rude, e o senhor falou que depois o senhor ficou politizado. O senhor entendeu os motivos pelos quais ele se comportava daquela maneira. O que isso quer dizer, Presidente?

Presidente: Rude é uma palavra delicada. Meu pai era um homem muito bravo, meu pai era um homem que não deixava os filhos fazerem absolutamente nada. Se ele chegasse às seis horas da tarde do trabalho e encontrasse um filho no portão, já era bofete. Se uma filha namorasse, era cacete.

Jornalista: Pancada mesmo.

Presidente: Ele era um homem, eu diria, de uma ignorância exemplar, talvez herdada do pai. Meus irmãos são muito mais críticos do que eu. Por que eu hoje não sou crítico? Porque eu compreendo a criação do meu pai. A criação



do meu pai foi uma criação muito dura pelo que era o pai dele, o meu avô, João Grande. Então, o meu pai deve ter tido uma vida muito dura, muito sofrida, de muita pressão da família. E ele conseguiu, eu diria, introjetar isso na sua alma e transmitir isso para os filhos. Então, eu, em vez de condenar meu pai, eu falo: bom, ele era o que ele aprendeu a ser. Ele foi educado para ser daquele jeito, ele foi daquele jeito, mas era um homem de boa alma, ou seja, ele dava o necessário para a família sobreviver.

Jornalista: Agora, tem uma história...

Presidente: Tanto é que, quando nós chegamos em Santos, ele morava em uma casa com a mulher, veja o “sentido” da dona da casa: ele tirou a mulher da casa que ele morava com ela, levou para um outro lugar, e levou a minha mãe para aquela casa, que na cabeça dele, devia ser a casa principal.

Jornalista: Dona Lindu foi para a casa principal.

Presidente: É, e aí minha mãe não aguentou e um ano depois separou.

Jornalista: Parece que teve uma história que o senhor era meio levado... O senhor e o Frei Chico, que é o irmão mais velho que o senhor, vocês eram muito próximos, ele pediu para amarrar um barco, vocês não amarraram o barco e depois vocês, ali, tomaram umas chineladas ali. (incompreensível).

Presidente: Não, não, eu tenho a impressão, Kennedy, eu tenho a impressão, que foi a partir daí que a minha mãe firmou convicção de separar do meu pai. Meu pai tinha pedido para a gente olhar uma chata que ele tinha no rio Acaraú, ali perto da Base Aérea, em Vicente de Carvalho, e eu e Frei Chico fomos olhar. Acontece que nós tínhamos que atravessar o aeroporto.



Jornalista: Chata é um barco, é isso?

Presidente: É um barco, é um barco, daqueles de remo, bem rudimentar. Não é nem uma voadeira de hoje, de alumínio. Era de madeira mesmo. Nós fomos olhar. Acontece que nós tínhamos que atravessar o aeroporto e estava uma chuva muito forte, e eu e o Frei Chico ficamos com medo e nós voltamos. Voltamos. Quando meu pai chegou e perguntou se a gente tinha ido ver o barco, nós falamos “fomos”. Ora, o que aconteceu? No dia seguinte, um amigo do meu pai, ao pegar a barca com ele para ir trabalhar – porque de Vicente de Carvalho você pegava a barca até o canal de Santos, para ir trabalhar no armazém de café – aí esse amigo falou para o meu pai: “Ô Aristides, ontem um cara roubou o teu barco. Eu vi um cara com o teu barco”. Aí meu pai chegou em casa, não teve conversa. Coitado do Frei Chico, estava trocado para ir para a escola, meu pai pegou uma mangueira e deu-lhe uma surra que ele até fazia xixi nas calças, e quando meu pai veio para o meu lado, minha mãe entrou no meio, não deixou. Ele tinha dado uma mangueirada em mim e bateu na minha mãe. Então, eu acho que essa foi a razão pela qual minha mãe, então, tomou a decisão...

Jornalista: Separou.

Presidente: ...de separar dele.

Jornalista: Agora, Presidente, voltando um pouquinho, o senhor viajou 13 dias em um pau-de-arara para São Paulo. Primeiro, o que é um pau-de-arara e o que o senhor lembra dessa viagem?

Presidente: Olha, o pau-de-arara é um caminhão, com umas tábuas



atravessadas, feitas de bancos, em que você vem sentado. Não tem encosto, não tem nada. Você vem sentado em uma tábua...

Jornalista: E lotado.

Presidente: E lotado, lotado. O que eu lembro? Eu lembro que eu coloquei uma camisa em Garanhuns e só fui tirar quando cheguei em Santos, 13 dias depois. Eu lembro que nós dormíamos muito pouco, em alguma pensão, porque não tinha dinheiro. Eu lembro que a minha mãe trazia um saco de farinha, trazia rapadura. Meus irmãos mais velhos falam que trazia queijo. Eu acho que não trazia porque naquele tempo a gente não tinha dinheiro para comprar queijo.

Jornalista: Ou, se tinha, não sobrou para o senhor.

Presidente: E a gente dormia... Quando parava o caminhão em uma cidade, a gente dormia ou na calçada ou embaixo do caminhão. Às vezes a gente acordava, chovendo, tinha que correr para debaixo do caminhão. Mas é engraçado que hoje eu vejo isso sem nenhum ressentimento, sem nenhuma mágoa de que era uma vida desgraçada. Não, era a vida que a gente levava...

Jornalista: Que era possível ter naquela hora.

Presidente: ...e foi importante a gente provar que não é a pobreza que leva uma pessoa apenas à bandidagem, ao crime. Ou seja, se você for pobre, mas tiver uma família estruturada e a família estiver vivendo harmonicamente, não há hipótese de alguém ser bandido. O problema... todas as vezes em que a gente começa a analisar por que é que tem crime, por que é que tem droga, nós temos que olhar dentro de casa o que está acontecendo. Às vezes, o



problema está dentro de casa e a gente fica procurando culpado do lado de fora.

Jornalista: E a dona Lindu foi a grande liga dessa estrutura familiar. Eu lembro que o senhor... O senhor menciona muito a dona Lindu nos seus discursos, fala muito dela. Quais são as lições mais importantes que o senhor acha que aprendeu com a dona Lindu, para a vida, e que contribuíram para o senhor chegar onde o senhor chegou, Presidente?

Presidente: Eu temo que eu esteja transformando a minha mãe em uma coisa superior.

Jornalista: Mitificando um pouco.

Presidente: É. Mas veja, eu... tudo o que eu falo da minha mãe é o fiel retrato que eu tenho da minha mãe, é a imagem dela na minha vida. Então, não adianta amanhã chegar alguém e falar: “Não, mas ela não era tão boa como você fala”. Ora, não era boa para você, para mim ela era exatamente o que eu estou pensando.

Jornalista: É como o senhor a vê, como a sente.

Presidente: Eu era o caçula. Então, minha mãe não deixava meus irmãos brigarem comigo. Se algum irmão meu batesse em mim, ela ficava muito nervosa. Minha mãe nunca bateu nos filhos. Às vezes, ela queria bater na gente, ela pegava o chinelo, a gente se deitava embaixo da... na cama, esticava o cobertor, e a coitadinha ficava batendo em cima do cobertor, a gente gritando lá embaixo. Eu vi a minha mãe fazer comida para nós sem ter o que colocar no fogo para comer, e ela nunca reclamou da vida, não lamentava.



Então, é essa imagem boa. Eu lembro do orgulho dela em me levar para o Senai para eu fazer um teste. Então, eu gravei essa imagem da minha mãe. Minha mãe tinha medo que eu entrasse no sindicato, quando eu entrei. Depois, quando eu fui preso no sindicato, eu não queria que ela soubesse que eu estava preso. Ela não ficou sabendo que eu estava preso. A gente escondeu isso dela. Pelo menos, eu penso que escondemos isso dela. Eu, quando era levado para visitá-la, o Tuma e os delegados ficavam de fora para ela não ver. Então, eu tenho essa imagem de dizer: eu sou o que sou pela educação que a minha mãe me deu. Uma mulher que não batia, uma mulher que não tinha recursos para dar para a gente. Eu recebia meu pagamento quando eu comecei a trabalhar, do jeito que eu recebia o pagamento fechado, eu nem contava o dinheiro, o envelope era entregue na mão dela. Dalí ela tirava o dinheiro e, às vezes, o que me dava não dava para nada. Mas eu também nunca, nunca, nunca lamentei. O orgulho dela quando eu me formei torneiro mecânico, que comecei a ganhar um pouco mais... Então, é a imagem... eu jogava bola e trazia a roupa do time para lavar em casa, ela lavava. Nunca cobrou nada, nunca reclamou de nada, nunca, nunca a vi falar: “Olha, isso aqui não está bom”. Quando teve a grande crise de 1965, que eu fiquei desempregado um ano e dois meses, a gente ficava em casa... Eu desempregado, Frei Chico desempregado, minhas irmãs desempregadas. Você já pensou, uma casa com todo mundo desempregado? Sábado e domingo você ficar lá, sem ter o que fazer, sem ter... olhava para o fogão, não tinha nada para fazer. Mesmo assim, eu nunca vi minha mãe reclamar. Então, eu guardo essa imagem, eu diria, muito forte da relação que a minha mãe teve comigo.

Jornalista: Um pouco, naquele filme “A Vida é Bela”, não sei se o senhor se lembra desse filme, em que o pai está com o filho no campo de concentração, e ele procura sempre dizer que está melhor, ou seja, acreditar que vai



melhorar, esconde um pouco do filho, superar um pouco. Talvez tenha um pouco de relação com isso, não é?

Presidente: É um pouco isso, é um pouco isso, ou seja, minha mãe, ela me protegia muito. Só para você ter ideia, quando eu fiquei viúvo, em 1971, eu... aí já era dirigente sindical, eu...

Jornalista: O primeiro casamento com o senhor foi a Lourdes, não é isso?

Presidente: É, então, a Lourdes morreu em junho de [19]71.

Jornalista: De quê mesmo, Presidente?

Presidente: Morreu de necrose hepática. Eu não sei se é porque...

Jornalista: No hospital? Estava grávida.

Presidente: Estava grávida, morreu ela e a criança. E eu aí fiquei construindo a ideia de ir morar sozinho. Eu falei: Eu quero morar sozinho. Minha mãe morava com a minha irmã. O que a minha mãe fez? Minha mãe fez eu alugar uma casa, ela saiu da minha irmã e foi morar comigo. Aí passamos a morar eu e minha mãe sozinhos. Então, essa é a imagem boa que eu tenho dela e eu quero passar essa imagem que eu tenho da minha mãe para os meus filhos. E eu acho que é isso que permitiu que uma mulher que tivesse oito filhos, que largou do marido, que foi morar sozinha, sem nenhum filho trabalhar... Um era carvoeiro, meu irmão mais velho; o outro vendia sardinha; o outro trabalhava em um bar; eu e o Frei Chico vendíamos as coisas, ele mais do que eu porque ele gritava e eu não gritava, e ele me dava "cocorote" porque eu não gritava.



Jornalista: Vocês vendiam o quê?

Presidente: Tapioca, vendia laranja, vendia amendoim...

Jornalista: Não gritava porque tinha vergonha de vender, era tímido?

Presidente: Eu tinha vergonha de gritar. Aí, uma mulher que fez isso... O meu pai tentou voltar várias vezes, minha mãe nunca aceitou. Então, uma mulher que tem a determinação de largar do marido, com oito filhos, nunca mais voltar e criar os oito filhos sem que ninguém virasse bandido e ninguém virasse marginal – todo mundo trabalhando, todo mundo constituiu família, todo mundo pobre, mas muito orgulhoso – é isso o que ela passou para a família.

Jornalista: Quando a mãe do senhor morreu, o senhor estava preso no Dops e foi o Tuma que permitiu a sua saída – era a época da ditadura militar –, permitiu a sua saída para comparecer ao sepultamento. O senhor hoje é Presidente da República. Se a mãe do senhor tivesse visto o senhor na Presidência da República, o que o senhor acha que ela ia dizer, sentir? O senhor imagina um pouco isso? Uma hora pára, assim: “Puxa vida, queria que ela tivesse me visto aqui, sentado nessa cadeira”. Passa isso pela sua cabeça, Presidente?

Presidente: Não, não. Como eu acredito em outra vida, eu acho que ela está vendo. Mas, a minha mãe, acho que nunca pensou nem que eu fosse presidente do sindicato, porque naquele tempo era importante ser presidente do sindicato, parecia uma coisa importante. Então, quando eu virei presidente do sindicato, para ela já era o máximo.

Jornalista: Já era uma honra, uma distinção.



Presidente: É, e ela tinha muito medo. Minha mãe tinha muita preocupação que eu fosse preso, minha mãe tinha muita preocupação que acontecesse alguma coisa comigo. Eu acho que se ela tivesse visto eu ser presidente da República seria o máximo para ela.

Jornalista: Presidente, uma coisa que o senhor martela muito nos seus discursos, quando o senhor defende os programas sociais, a questão do combate à fome, é dizer que o senhor sentiu na pele o que os pobres do País sentem. Naquela época, quando o senhor fala “não tinha comida para isso, no domingo, não tinha o que fazer”, o senhor chegou mesmo a passar fome? Como é que foi essa sua experiência com pouco alimento ou não ter a carne, ou não tinha comida mesmo? Como é que era isso?

Presidente: Eu acho que eu tinha uma dor eterna no estômago. Eu tinha uma dor aqui do lado, que eu achava que era fome.

Ô Kennedy, não apenas eu, mas várias pessoas... minhas irmãs trabalhavam como empregadas domésticas, portanto, elas comiam na casa da patroa; meus irmãos trabalhavam fora. Mas, veja, há uma coisa que é o seguinte, olhe. Você imagine você chegar em um domingo de manhã, na tua casa, às vezes você tinha feijão e farinha e não tinha carne. Então, eram aqueles pedaços de toucinho gordo, feitos ao molho. E você comia aquele toucinho, mas só gordura mesmo. Quando você tem dez anos, 12, 13 anos, você come até pedra. Aquilo... o teu organismo tritura aquilo com facilidade.

Eu, por exemplo, vou contar um caso que me marcou muito. Uma vez eu levei... No domingo é o dia em que... Na segunda-feira é o dia em que o trabalhador que comia de marmitta levava a melhor comida, porque você levava a sobra do domingo: era o macarrão com frango, era macarrão com bife à milanesa. E eu lembro que...



Jornalista: Ficava olhando ali as marmitas...

Presidente: É, e eu lembro que... e também a gente sempre constrói uma turma que se senta junto. Tanto na escola quanto na fábrica, você tem uma turma que se senta junto, e eu me sentava com seis companheiros à mesa. Em uma segunda-feira, eu fui abrir minha marmita e eu percebi que não tinha mistura. Era só feijão e arroz, sem nada, mas nem um ovo frito. Então, eu fechei a marmita e eu falei “estou sem fome, eu não vou comer”, porque eu estava com vergonha de comer na frente dos companheiros. Aí, um filho da mãe de um companheiro meu falou assim: “Ô Taturana, me dá a tua mistura para mim?”

Jornalista: Taturana, por quê? Era apelido?

Presidente: Era o apelido. Aí, eu falei: Não, não vou dar porque eu vou comer depois. Mas, na verdade, eu não dei porque eu não tinha, e nem comi.

Jornalista: Não tinha mistura para dar.

Presidente: Eu, por exemplo, ia levar água quando eu tinha oito anos de idade, nove anos, ainda em Santos, meu pai fazia a gente levar água para a outra mulher dele. Era lá do Wilson, ou seja, lá de Vicente de Carvalho, quando está chegando no mar, até mais ou menos na metade do Guarujá, na última vila de Vicente de Carvalho. A gente pegava um barril d’água de 200 litros com uma corda e a gente puxava para levar água para a casa da outra mulher do meu pai. E era terra de areia de praia, você sabe como é: fica tudo mais pesado. Quando eu chegava lá, a outra mulher do meu pai me dava pão, pão amanhecido. Aí eu adorava, e a minha mãe ficava muito nervosa quando ela



sabia.

Jornalista: Com esse agrado.

Presidente: Não, quando ela sabia que eu tinha comido o pão que...

Jornalista: Dado pela outra.

Presidente: ...que a outra... Não vou dizer o palavrão que ela falava, mas ela achava que eu não deveria aceitar o pão. Então, eu acho que nós passamos muitas privações, muitas, mas eu volto a repetir, Kennedy: tudo isso serviu de estímulo para a gente. Nunca, nunca houve vontade de desanimar, de...

Jornalista: E hoje, quando o senhor toma uma decisão como Presidente da República, o senhor leva em conta essa experiência? Ela salta à sua cabeça, está... Definindo um programa social, o senhor lembra daquela época e fala “eu tenho que fazer isso porque eu conheço esse efeito na prática?”

Presidente: Kennedy, o problema não é apenas que eu conheço. O problema é que eu sei de onde eu vim e sei para onde eu vou voltar. Eu sei definir bem quem são meus amigos, quem são os eventuais amigos, quem são os amigos de verdade, quem são os amigos por interesse. Isso, na minha cabeça está muito demarcado...

Jornalista: Está bem trabalhado.

Presidente: ...está muito trabalhado. E eu sei – e agora estamos provando isso – que na medida em que você ajuda a parte mais pobre da população e que ela começa a comer e a consumir, melhora a vida de todo mundo: melhora a



vida da classe média, melhora a vida da classe rica e melhora todo mundo. Os dados que foram publicados ontem, em uma pesquisa de uma empresa, que mostram que no Norte e no Nordeste brasileiro as classes D e E consumiram mais 5% do que as classes A e B, do Centro-Sul, em material de higiene... é uma coisa extraordinária...

Jornalista: Significativa no resto do Brasil.

Presidente: ...é uma coisa que eu acho fantástica. Então, eu acho que comer é sagrado. Você se levantar de manhã, ter um cafezinho... Eu, por exemplo, passei... até os sete anos de idade, o café nosso era uma cuia de farinha com café preto, fazia um mingau e comia. Eu vim conhecer pão, já com sete anos de idade. Arroz, a gente só comia quando estava doente. Arroz era remédio: quando uma mulher tinha tido um filho, então, na quarentena ela comia arroz; quando a gente estava com dor de barriga, alguma coisa assim, comia arroz. Mas não era todo dia. Todo dia era feijão com farinha, era aquilo seco e você ia...

Jornalista: E o torrescão lá...

Presidente: ...e você ia colocando molho, e colocava molho, aquilo ia ficando uma massa de cimento, que você comia. Bom, na época era delicioso, na época era fantástico. Eu lembro que a gente comia com a mão. Você fazia aquele... pegava o feijão...

Jornalista: Aquela massa.

Presidente: ...pegava o feijão e a farinha, colocava o molho e você ia fazendo os quibes na mão. Você apertava assim... Tem gente que acha “pô, esse cara



é grosseiro, esse cara...” Eu acho fantástico lembrar isso da minha vida. O que eu acho falso é eu negar o que foi a minha vida. Mas eu comia aqueles quibes, assim, com a mão, fazia assim e colocava... eu achava...

Jornalista: Uma iguaria.

Presidente: Eu não como hoje porque hoje o Presidente tem que ter uma certa liturgia.

Jornalista: Muito bem. Presidente, o senhor foi o principal líder daquelas famosas greves do ABC no final dos anos 70, começo dos anos 80, greves muito importantes para acelerar o final da ditadura militar. Naquela época, que o senhor liderava greve, o senhor imaginou que podia chegar a presidente da República, podia fazer carreira política, ou essa consciência de ir para uma carreira política se deu ao longo do processo?

Presidente: Ô Kennedy, eu sou um homem crente, eu sou um homem que acredito muito num ser superior que toca a vida da gente, para o bem ou para o mal. Veja, eu nunca imaginei participar da vida política deste país. Eu tinha, em [19]78... Veja, em maio de [19]78, eu tinha horror à política, horror. Eu até disse: não gosto de política e não gosto de quem gosta de política. Mas veja a contradição: em [19]78, veja o que é o destino...

Jornalista: Como é que foi essa transformação?

Presidente: ...eu estava fazendo campanha para o Fernando Henrique Cardoso.

Jornalista: Para o Senado, em 1978.



Presidente: Ora, por que é que eu fiz isso? No ano de [19]78, o ministro Arnaldo da Costa Prieto tentou mandar uma lei para o Congresso Nacional, criando as categorias essenciais...

Jornalista: Ministro do Trabalho, não é?

Presidente: ...ou seja, professor não podia fazer greve, frentista de posto de gasolina não podia fazer greve, bancários. Eu resolvi me rebelar contra isso. Foi a primeira noção que eu tive da necessidade de criar um partido dos trabalhadores. E aí comecei a falar (incompreensível) criar o movimento, aí vieram as eleições. Tinha o Montoro, tinha o Cláudio Lembo, nós fomos trabalhar para o Fernando Henrique Cardoso ser candidato ao Senado. Aí depois veio o movimento pró-PT, depois o PT, pronto, aí eu entrei na política. Mas eu nunca tinha pensado. A primeira vez que me lançaram candidato a presidente, em [19]89, eu achava que era brincadeira do pessoal. Eu falava: Como é que o pessoal vai me indicar? Como é que esse povo vai votar num metalúrgico? Porque é preciso levar um tempo para o povo maturar. Muitas vezes, a gente pensa que é só a gente querer, o povo quer. Não. Você transformar a tua vida de sindicalista em uma vida política tem um passo...

Jornalista: Claro.

Presidente: ...que é do tamanho de um curso universitário. Em [19]89, [19]94 e [19]98, eu lembro perfeitamente bem que eu... você passava em vários setores, a classe média aplaudia a gente. Aí você passava nos pobres, os pobres faziam assim para a gente.

Jornalista: Com a mão, é.



Presidente: Então, eu ficava muito irado, porque era para eles que eu queria governar. Levou 12 anos, 12 anos para que a gente conseguisse ganhar essa maturidade e fazer a sociedade avançar.

Jornalista: Presidente, antes de chegar nesse assunto das candidaturas presidenciais, eu queria saber do senhor o seguinte: qual foi o momento mais difícil da sua vida até [19]89?

Presidente: O momento mais difícil da minha vida, eu acho que foi quando eu fiquei viúvo, em [19]71. Eu tinha dois anos de casado e tinha levado a minha mulher para o hospital, ela estava de sete meses, e depois eu fui visitá-la e mandaram eu levar a roupa das crianças no dia seguinte. Então, naquele tempo a gente não sabia se era homem ou se era mulher. Então, eu levei uma roupinha de menino e uma roupinha de menina em uma cestinha, e fui no domingo.

Jornalista: Na melhor expectativa do mundo, não é?

Presidente: Até achei que eu ia voltar com a minha mulher para casa, quando eu cheguei no hospital, o Hospital Modelo, lá na [Avenida] Brigadeiro Luís Antônio. Eu não sei se na época houve negligência. Deve ter havido, porque pobre, filho de pobre, você é tratado... nem sempre é tratado com o respeito que merece. Mas também não vou agora, depois de cinquenta anos, ficar falando. Quando cheguei lá, que eu fui perguntar “cadê a minha mulher”, aí eu senti que a enfermeira não teve coragem de falar e chamou uma outra enfermeira. Aí eu falei: Olha, eu vim aqui, trouxe a roupa do meu filho, tal... Aí, quando ela falou: “Olha, a tua mulher morreu, e a criança morreu...” (o Presidente chora).



Jornalista: Baque, não é? Essas coisas, não é, Presidente, elas são muito difíceis, a gente perder os entes queridos... Perdi meu pai há pouco tempo também, há dois anos, e até hoje dói. Perder, nessa situação, é pior ainda. Não tem nem muito o que falar.

Presidente: Não, mas aí foram três anos de muito... e eu comecei a ficar um cara chato porque, no Natal, eu ficava jogando a culpa em todo mundo. Então, na minha casa era assim: todo mundo alegre, Natal, Ano Novo, e de repente eu ficava lembrando e me sentia vítima da Humanidade. Bem...

Jornalista: Como é que deu a volta por cima ali? Foi...

Presidente: Olha, eu dei a volta por cima porque...

Jornalista: Trabalho, se jogou em alguma...

Presidente: Em algum momento... Eu ia ao cemitério todo domingo, eu ia todo santo domingo. Durante três anos eu ia ao cemitério levar flores. Chegou um dia em que eu falei: espera aí, pô! Sabe, não tem...

Jornalista: A vida continua, não é?

Presidente: Aí depois apareceu a Marisa na minha vida, nós namoramos sete meses...

Jornalista: Uma “galega”, como o senhor falou, não é?



Presidente: É, apareceu uma galega na minha vida, toda charmosa, e eu falei: “É com essa que eu vou”. Primeiro, tentei convencê-la... Aí, a Marisa também era viúva, ela tinha perdido o marido de forma mais trágica do que eu, porque a Marisa, acho que tinha três ou seis meses de casada quando assassinaram o marido dela, e ela ficou grávida do Marcos. Então...

Jornalista: Que o senhor criou como filho, não é?

Presidente: Então, quando eu conheci a Marisa, eu falava assim: Bom... Também eu tive uma coisa importante: eu nunca quis casar com uma pessoa nova. Eu queria casar com uma pessoa que tivesse a mesma experiência que eu tive, e Deus me ajudou de aparecer a Marisa com o mesmo problema: viúva, com filho. E foram alguns meses tentando convencer, sabe? Papo vai, papo vem, papo vai, papo vem, até que nós começamos a namorar e casamos. E fizemos um pacto: no Dia de Finados a gente não vai ao cemitério. Nem ela ia visitar o marido dela, nem eu ia visitar a mulher, para a gente poder construir o futuro e não ficar remoendo o passado. E foi isso.

Mas esse foi o momento pior da minha vida. A perda de um ente querido não é uma coisa fácil, ou seja, não é, sobretudo, quando você está em um processo de construção de uma vida, porque quando você tem dois anos de casado é só sonho, só... você só...

Jornalista: Só alegria.

Presidente: Depois aconteceu... Eu, no começo, fiquei magoado, que era erro médico e tal, mas depois eu falei: Vou tocar o barco para a frente. Mas foi o período mais difícil da minha vida.



Jornalista: Presidente, eu vou pedir licença um minutinho. O “É Notícia” volta daqui a pouco com o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

“É Notícia” está de volta, com o presidente Lula. Presidente, o senhor chegou a perder três eleições antes de ser eleito: [19]89, [19]94 e [19]98. Em algum momento, pensou seriamente em desistir de ser candidato à Presidência da República?

Presidente: Nunca. Eu pensei em desistir em [19]89 quando, no mês de julho, saiu uma pesquisa publicada por um jornal, de que eu tinha caído de 3 para 2,75. Aí, eu falei: Pô, eu vou terminar a eleição devendo ponto para o Ibope, então, deixa eu cair fora. Mas aí, eu resolvi radicalizar um pouco o discurso e falar mais para a classe operária politizada, sindicalizada, e aí fomos para o segundo turno. E hoje, Kennedy, eu dou graças a Deus de ter perdido as eleições que eu perdi, porque no fundo, no fundo, eu acho que cada eleição que eu perdia era uma lição, era um curso de pós-graduação que eu fazia para a próxima eleição.

Jornalista: Se credenciou (incompreensível).

Presidente: Eu acho que eu cheguei à Presidência mais preparado, o partido mais preparado, os aliados mais preparados. Então, eu também não me queixo. Perdi três eleições, aprendi com as derrotas, conheci mais o Brasil, conheci mais o povo e pude fazer o governo.

Jornalista: E não desistiu por quê? Porque acreditava que ia chegar?

Presidente: Eu acreditava. Kennedy, você está lembrado, em 1985 eu dei uma entrevista para um jornal importante, em São Paulo, em que eu dizia: Não acredito que um trabalhador chegue à eleição por conta do voto.



Jornalista: Aí deu uma polêmica danada.

Presidente: Aí, quando foi em [19]89, eu tive 47% dos votos no segundo turno. Eu falei: Não, é possível!

Jornalista: Quase.

Presidente: É quase. Aí, passei a acreditar. E, para mim, era uma questão de tempo. Em [19]94, você está lembrado, eu estava com 44% no mês de março, aí começou a URV, começou o Plano Real...

Jornalista: Plano Real.

Presidente: ...não tinha candidato para me enfrentar, inventaram o Fernando Henrique Cardoso, que não seria candidato a senador porque não tinha voto naquela época, o Plano Real o levou a Presidente da República.

Jornalista: Era uma agenda que o povo queria, não é? Ou seja, eles conseguiram arrumar uma agenda que...

Presidente: Não, era muito difícil falar contra o Real e na campanha política, ou seja...

Jornalista: Tirou o discurso.

Presidente: Tinha uma propaganda do pãozinho que era mortal, e que eu não conseguia... Eu falava mal do Real e percebia que as pessoas não acreditavam



no que eu estava falando. Mesmo assim eu fui... eu ainda tive 24% dos votos, o que foi uma votação boa.

Jornalista: E foi uma crítica equivocada do PT, porque o Real acabou dando certo, não é, Presidente?

Presidente: Pois é. É que de vez em quando a gente não aceita reconhecer o mérito das pessoas. O dirigente sindical faz uma pauta de reivindicação e, muitas vezes, ele não quer que o patrão atenda, para ele não ser chamado de pelego: “Eu pedi pouco.” Então, eu acho que o PT cometeu o erro de não apoiar o Real. Isso nos colocou em dificuldade na campanha. Em [19]98 foi outra campanha muito difícil, porque eu sabia o discurso. O discurso do adversário era: “Primeiro preparamos, para depois fazer isso”. Eu sabia que ia pegar na opinião pública, mas tivemos 32% dos votos. E depois chegou a minha vez, e em política, quando chega a vez, Kennedy, pode acontecer o que acontecer. Eu nunca, nunca, em 2002 e 2006, nunca me passou pela cabeça não ganhar as eleições. Nunca, nunca. Eu tinha a tranquilidade de alguém que sabia que ia ganhar as eleições.

Jornalista: E o que sentiu em 2002 quando você chegou naquele posto que...

Presidente: Olha, hoje eu posso contar, hoje eu posso contar. Eu passei algum tempo – que eu acho que é o que o Obama está sentindo agora –, eu passei algum tempo em que eu me deitava lá no Alvorada, me beliscava e eu falava: Ô Marisa, será que nós estamos aqui mesmo? Será que... Porque demora. Ô gente, o que nós fizemos no Brasil foi uma coisa estrondosa, não tem exemplo no mundo. Você tinha o exemplo do Walesa, que terminou sendo um fracasso...



Jornalista: Por quê, hein?

Presidente: ...numa situação totalmente... Porque o Walesa não tinha partido, porque o Walesa foi eleito presidente numa coisa de igreja, numa coisa de fim do comunismo na Polônia. Não era uma coisa estruturada. E você sente que você precisa ter estrutura quando você ganha. Você precisa ter partido, você precisa ter quadros. Você pode ganhar... Você pega o Collor como exemplo. Um dia desses eu perguntei para o Collor: Ô Collor, e montar o governo? Ele falou: “Foi muito difícil, porque ninguém queria ser”.

Jornalista: Ninguém queria ir para o governo. Convidou o PSDB, o Mário Covas recusou, não é?

Presidente: Então, é uma coisa complicada. Então, quando eu cheguei, eu já tinha muita gente que era prefeito, já tinha tido gente que era secretário, já tinha tido gente que era governador, então nós chegamos com uma equipe mais preparada. Então, hoje, em vez de reclamar de eu perder em [19]89, [19]94 e [19]98, eu dou graças a Deus de ter perdido, de não ter desistido e de ter chegado à Presidência com o acúmulo de experiência que eu adquiri.

Jornalista: E o PT mudou também. Fez propostas mais moderadas na economia e na política, que foram importantes para ele chegar ao poder, não é?

Presidente: Tem uma hora, Kennedy, na tua vida em que você é todo principista, e tem uma hora que você, sem abdicar dos teus princípios, você tem que fazer a política real. E você só pode mudar a política real se você participar dela. De fora, você não muda. Então, eu acho que nós chegamos no tempo certo para fazer as coisas que precisavam ser feitas no Brasil.



Jornalista: O senhor falou dessa coisa principista. O senhor foi o principal fundador do PT, um partido que nasceu em defesa da ética na política. Aí veio o governo e veio o escândalo do mensalão. O poder, Presidente, não corrompeu o PT?

Presidente: Não. Veja, primeiro você não pode confundir o PT, que é um partido... o maior partido de massa da história deste país, com o erro que alguma pessoa possa ter cometido. É preciso separar isso. A segunda coisa é que eu acho que você é muito novo e eu ainda pretendo viver muito tempo. Essa história do mensalão ainda vai ser esclarecida.

Jornalista: Pois é, o senhor diz que não aconteceu o mensalão. Agora, deputados da base aliada do governo foram ao Banco Rural, receberam recursos na boca do caixa, que o Marcos Valério repassou para o PT, ou seja, o PT pagou partidos aliados. Não ficou provado aí – até com o uso do Banco do Brasil, na VisaNet – não ficou provado aí, Presidente, que teve uso de dinheiro público?

Presidente: Olha, eu tenho uma tese.

Jornalista: Diga.

Presidente: Eu tenho uma tese. Primeiro, que não está provado que é uso de dinheiro público. Segundo, é que confundiu...

Jornalista: O caso VisaNet não prova isso?

Presidente: Segundo é que confundiu...



Jornalista: Diga.

Presidente: Segundo é que confundiu dinheiro de campanha eleitoral com o mensalão. O que aconteceu, Kennedy, foi muito simples: nós tínhamos a CPI dos Correios, que tinha 3 milhões, R\$ 3 mil que um cidadão dos Correios tinha praticado corrupção. Em que se transformou aquela CPI dos Correios, você que é jornalista? Transformou-se em uma CPI do PT.

Jornalista: É, mais veio o Marcos Valério, Presidente.

Presidente: Na CPI do mensalão. Veja, veja, veja...

Jornalista: O Marcos Valério é um personagem...

Presidente: O Marcos Valério não vem do PT. Ele vem de muitas outras campanhas, que você sabe.

Jornalista: Mas isso (incompreensível).

Presidente: Agora, nem isso eu o culpo, nem isso eu o culpo, porque tudo está para ser julgado.

Jornalista: Claro, está no Supremo Tribunal Federal.

Presidente: Tudo para ser julgado. Então, o presidente da República não pode dar palpite nessas coisas. Eu só acho, eu só acho que como você é muito novo e eu sou muito novo, ainda pretendo viver mais uns vinte anos, tenho 64...



Jornalista: O senhor falou outro dia que queria chegar aos 100 do Niemeyer.

Presidente: Eu não sei. Também, eu não quero atrapalhar o lugar de outro. Eu... No fundo, no fundo, a gente vai desvendar esse mistério. Eu acho que tem um mistério, que foi a tentativa de golpe no governo. Eu comecei a ler a história e comecei a ver...

Jornalista: Mas, não é conspiratório, isso?

Presidente: Não, não, não é conspiratório.

Jornalista: Porque, o seguinte: o Delúbio procurou o Marcos Valério.

Presidente: Não é conspiratório porque eu não falei. Não é conspiratório porque, na época, eu não falei que era golpe. Você nunca me viu me queixar disso, eu enfrentava isso com a maior naturalidade possível. Eu tinha consciência das coisas que poderiam ter acontecido. E eu acho que dinheiro para ajudar partido em campanha eleitoral foi colocado como se fosse mensalão, uma prática que tinha sido denunciada em [19]98, por conta de aprovar o projeto de reeleição. A gente esquece com muita facilidade.

Jornalista: A CPI da compra de votos não aconteceu. Não houve CPI.

Presidente: É, mas o DEM... o PFL, naquela época, matou o assunto, expulsando dois deputados, um deles, o companheiro João Maia, que foi fundador do PT. Então, eu não vou entrar nesse assunto, porque também está sendo julgado e vamos esperar que a Justiça julgue as coisas todas.



Jornalista: Agora, tem uma coisa que virou um bordão aí na imprensa: “Ah, o Lula não sabia, eu não sabia”. Como é que um presidente não pode saber? Porque existia um personagem real, existia o Marcos Valério, existia o Delúbio, houve empréstimos que... não contabilizados, ou seja, caixa 2, que é crime eleitoral, não é, Presidente? Como é possível um presidente não saber?

Presidente: Veja, deixa eu lhe falar uma coisa: você, quando está na cozinha com a tua mulher, comendo, e o teu filho está no quarto, você sabe o que ele está fazendo?

Jornalista: Não, claro que não.

Presidente: Você não sabe. E tampouco as pessoas contam para você se estiverem fazendo coisas erradas. Eu digo sempre o seguinte: se as pessoas estiverem fazendo coisas certas, elas vão para a festa e fim de papo. Mas quando faz coisa errada, todo mundo tenta esconder. Tudo o que foi feito poderia ser feito publicamente, contabilizado, dado entrada do dinheiro no partido...

Jornalista: E por que não foi feito?

Presidente: Porque venderam facilidade, gente comprou facilidade e está pagando por isso. Mas como eu acho que o julgamento vai se dar e ainda muita coisa vai acontecer, vamos esperar. Eu já te disse uma vez e vou te dizer: eu vou, depois que deixar a Presidência, eu vou querer me inteirar um pouco mais disso, porque como presidente eu não posso ficar “futucando”. Mas eu quero saber, porque eu acho que foi...

Jornalista: Mas qual é a sua desconfiança?



Presidente: ...a maior armação já feita contra um governo.

Jornalista: Mas com o Roberto Jefferson?

Presidente: Não deram o passo adiante... Não, eu não quero nem discutir o Roberto Jefferson. Não quero nem discutir por que ele levantou a questão do mensalão. Não quero nem discutir, porque quando eu não for presidente, eu vou discutir isso com você com mais tranquilidade. Mas, como presidente, eu quero me guardar, para não ficar utilizando o cargo de presidente para levantar as minhas teses, porque é muito desagradável isso. Mas um dia nós vamos conversar sobre isso. Falta só um ano para eu deixar a Presidência.

Jornalista: Mas não é grave o Presidente da República ter uma desconfiança? Não é importante que ele vá fundo...

Presidente: Não, não, o Presidente da República, se tiver desconfiança, ele fica quieto.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Ele tenta mandar apurar. E como o processo está sendo apurado, o Presidente da República se cala.

Jornalista: Está na Justiça.

Presidente: O Presidente da República não é policial, não é investigador, não é da CGU, não é do Tribunal de Contas, não é do Ministério Público. Então, se



a coisa está sendo investigada, o Presidente aguarda. Isso é o que manda o bom senso.

Jornalista: Presidente, na época do mensalão, o senhor recebeu propostas de desistir da reeleição, até de renunciar ao mandato?

Presidente: Não, o pior é que eu acho que esse era um dos objetivos. Era de tentar...

Jornalista: Enfraquecer politicamente?

Presidente: ...truncar. Kennedy, pega a história do Juscelino, pega a história do Getúlio. O Getúlio governou este país 15 anos com mão dura, com quatro de democracia se matou. Pega a história do Juscelino. Pega o que faziam com o Juscelino nesse Congresso Nacional, na imprensa, para depois você notar que, cinquenta anos depois, ele foi transformado em herói nacional. Ora, porque tem uma parte da elite política “empodrecida” neste país que não estava habituada à alternância de poder. E eu sou alternância de poder, eu sou alternância de poder e eles sabem disso. E eles sabem que eles têm que fazer tudo para evitar que eu consiga transferir para o povo pobre deste país, para os trabalhadores a ideia de que eles podem presidir este país. Porque, quando a gente descobrir a força que nós temos, vai ser a mesma coisa que os negros descobriram na África do Sul: 26 milhões não poderiam continuar sendo governados por seis milhões. E quando a gente... E eu estou sentindo que o povo está gostando, eu estou sentindo que o povo está descobrindo que ele pode chegar lá.

Jornalista: O senhor é um presidente popular, claro.



Presidente: Eu vou num catador de papel, eu falo para eles: “Vocês podem chegar a presidente da República, não por serem catadores de papel, porque vocês têm que se preparar para chegar lá, acabar.... Ninguém diz que o país tem que ser presidido por alguém que tem diploma universitário, por alguém que é fazendeiro, por alguém que é empresário”. Eu também não quero ser presidido por alguém que não conheça nada. Mas este país já teve presidente que não conhecia nada de país, nada. Eu não vou citar nomes aqui, mas tem presidente que não conhecia mais do que a Vila Maria, em São Paulo, e foi presidente da República, e não dá certo. Então, a minha tese é esta: houve uma tentativa de truncar a caminhada de um segmento social neste país.

Jornalista: Mas (incompreensível).

Presidente: E não fizeram por medo, não fizeram por medo, porque eles não tinham conta do que poderia acontecer neste país.

Então, eu me coloquei tranquilo o tempo inteiro. Você nunca me viu fazendo desaforo para ninguém, nunca agredi ninguém. Muitas das coisas que eu tenho entupido, aqui, para falar, eu só posso falar quando eu deixar a Presidência da República, que aí eu sou um cidadão comum, não tenho nenhuma proteção, não tenho a Advocacia-Geral da União, não tenho nada.

Jornalista: A primeira entrevista ao “É Notícia” em 2011.

Presidente: Eu não sei se será a primeira, porque eu quero descansar um pouco. Mas pode ficar certo de que eu tenho coisas para falar.

Jornalista: Me coloca na fila, então. O primeiro da fila.

Presidente: E vou falar.



Jornalista: Está bom. Mas alguém fez alguma proposta concreta para o senhor, de renunciar ao mandato...

Presidente: Não, não, ninguém nunca fez.

Jornalista: ...ou desistir de ser reeleito? Não?

Presidente: Nunca tiveram coragem de fazer. Nunca.

Jornalista: E o senhor (incompreensível).

Presidente: Somente uma vez foram me dizer o seguinte: “Lula, é preciso tomar cuidado, que eles estão preparando o *impeachment*”. E eu disse para o interlocutor: “Olha, diga para quem você quiser dizer que, na luta política, eu aceito qualquer coisa. Mas, se mexer um milímetro na institucionalidade deste país, eles não sabem o que vai acontecer neste país, eles não sabem”.

Jornalista: Quem era esse interlocutor?

Presidente: Não, não...

Jornalista: Não pode falar? Era da oposição?

Presidente: Fonte, a gente tem que guardar, meu filho.

Jornalista: Invocada a Constituição, está certo. Presidente, são quase sete anos de governo. Qual o senhor acha que vai ser a fotografia histórica do seu governo? Como que o senhor gostaria de ser lembrado, no futuro?



Presidente: Eu não posso reivindicar o direito de ser lembrado. No fundo, no fundo...

Jornalista: Mas a fotografia?

Presidente: Veja, eu acho que a fotografia que nós vamos carregar é o estado de graça que o Brasil está vivendo. O Brasil melhorou, os pobres melhoraram, há um avanço em todas as áreas deste país. Então, eu acho que o conjunto disso é que vai dar uma fotografia do que foi o governo Lula. Não apenas eu, mas meus companheiros que trabalharam no governo, vocês, que cobriram... Vai ter um momento em que essa pintura, que é feita a cada dia, a cada hora, a cada gesto, a cada discurso, a cada decreto, a cada lei que eu sanciono, vai ter uma hora em que tudo isso vai ser colocado em uma única tela e a gente, então, vai ter a cara do governo Lula.

Jornalista: Em 2009, o Brasil superou, está superando, superou a mais grave crise econômica da história recente. Mas lá atrás, quando o Lehman Brothers quebrou, em setembro, aquele final de ano, que veio aquele número de desemprego alto, os empresários ameaçando demitir, a Vale demitindo, o senhor achou que aquilo podia comprometer o final do seu mandato, o senhor terminar mal o governo, aquela maldição de que o segundo mandato é pior do que o primeiro que, no seu caso, não está se confirmando?

Presidente: Veja, primeiro, eu tinha clareza de que o segundo mandato não seria pior, depois do PAC. Antes de a gente fazer o PAC, esse era o meu medo, e eu dizia para muita gente que eu não queria ser candidato à reeleição porque eu tinha medo do segundo mandato.



Quando nós começamos a pensar o PAC, no final de 2005 – e era para ter lançado ele ainda em 2005 e não lançamos para não gastar um programa daquela magnitude na eleição, deixamos para lançar em fevereiro – aí eu sabia que eu tinha começo, meio e fim para terminar o meu mandato. Aí, era só tocar a bola para frente.

Jornalista: Mas a crise não foi (incompreensível), não?

Presidente: Mas a crise, a crise, veja... Primeiro, Kennedy, eu sempre tenho que separar a crise do seguinte: nós discutimos uma crise do *subprime* até, mais ou menos, julho, começo de agosto, em que todos os analistas econômicos deste país diziam que o Brasil iria sofrer menos que 1%.

Jornalista: Era a tal fase da “marolinha”.

Presidente: O que aconteceu depois, o que aconteceu depois? O que aconteceu depois é que quebrou o Lehman Brothers, e quebrou por quê? Porque, possivelmente, se o presidente Bush, antes de o banco quebrar, tivesse colocado US\$ 60 bilhões no Lehman Brothers, ele não tinha quebrado. E ele não quebrando, não teria a crise financeira que nós tivemos.

Jornalista: O senhor não teria deixado quebrar o Lehman Brothers, nem a GM...?

Presidente: Não deixaria. Não deixaria sabe por quê? Porque o prejuízo de você deixar quebrar é pior do que o prejuízo de você salvar. Ou seja, quando você está com uma gripe, vai ao médico logo, não deixa virar pneumonia. E eles permitiram que virasse uma pneumonia.



Hoje, Kennedy, a gente tem informações ainda, do FMI, do Banco Mundial, trilhões e trilhões de dólares foram colocados para salvar o sistema financeiro. Esse dinheiro poderia, em época que não tivesse crise, ser colocado para ajudar os pobres do mundo a se desenvolverem. Então, quando veio a crise, se eu fosse acompanhar o noticiário da imprensa, eu teria fugido do Brasil, porque era uma desgraça só. Eu levantava de manhã, era uma quantidade de manchete: “Acabou isso, acabou aquilo, o mundo acabou”.

Jornalista: Mas isso, no mundo inteiro, não é, Presidente?

Presidente: Eu fui para a televisão, não se esqueça de que eu fui para a televisão...

Jornalista: Dezembro...

Presidente: No dia 22 de dezembro, numa decisão pessoal minha: Eu quero falar com o povo brasileiro. Se está sendo vendida a ideia de que o povo não está comprando porque ele vai perder o emprego, eu vou para a televisão dizer: ele vai perder o emprego exatamente se ele não comprar!

Jornalista: O senhor comprou uma geladeira, não foi?

Presidente: E fui para a televisão, e fiz um discurso de oito... um pronunciamento de oito minutos, conclamando o povo brasileiro, e sobretudo o povo mais pobre...

Jornalista: A aquecer o consumo.



Presidente: ...a consumir de forma responsável, que ninguém fizesse dívida superior ao que pudesse pagar, mas que comprasse porque, se não comprasse, a fábrica não ia produzir, a loja não ia vender, ele não ia ter emprego. E, graças a Deus...

Jornalista: Deu certo.

Presidente: ...deu certo. E hoje, Kennedy, hoje já é reconhecido pela imprensa brasileira, é reconhecido pelos empresários brasileiros, é reconhecido pelos sindicalistas brasileiros, é reconhecido em Londres, em Nova Iorque, em Bonn, em Berlim, é reconhecido em Paris, é reconhecido em Tóquio, é reconhecido em Xangai que o Brasil é o país que melhor se preparou para sair da crise. Porque fizemos tudo que tínhamos que fazer: liberamos compulsório, colocamos dinheiro da dívida externa para financiar exportação, fizemos o Banco do Brasil comprar bancos importantes, fizemos o Banco do Brasil comprar o Votorantim para adquirir *expertise* em financiamento de carro usado. E hoje... Este ano... Veja que engraçado: no ano da crise, nós vamos terminar o ano com mais de um milhão de empregos novos criados no Brasil.

Jornalista: Perfeito, Presidente. O nosso tempo está acabando, eu queria falar rapidamente com o senhor de algumas coisas ainda. É o seguinte: o senhor disse em entrevista para a Folha de São Paulo no mês passado, ao explicar, ali, a necessidade de fazer alianças para governar a realidade política, que não dá para governar fora dos partidos. O senhor usou uma expressão de que, se Jesus fosse eleito presidente do Brasil e Judas participasse de um partido político, teria que haver uma aliança entre Jesus e Judas, Jesus teria que chamar Judas para conversar. O senhor acha que ali o senhor errou na expressão? O que o senhor achou?



Presidente: Eu posso ter exagerado em colocar o nome de Cristo. Agora, não tem simbologia para o povo entender melhor o que eu falei do que utilizar o nome de Cristo e de Judas. Porque essa é a questão da política, Kennedy. Quando você for eleito presidente de alguma coisa, mesmo que seja do clube de jornalistas da Folha, o que você vai fazer? Você vai trabalhar com aqueles que têm o voto de decisão e é com eles que você tem que negociar. Você não negocia na esquina. Você negocia com quem tem voto. Os senadores estão eleitos, só pode mudar, agora, em 2010. Os deputados estão eleitos, só pode mudar em 2010. Então eu não posso ir negociar com você, por mais boa intenção que você tenha. Você não me dá um voto no Congresso Nacional. Então, é essa a imagem que eu quis passar, para que o povo compreendesse... Eu tenho certeza absoluta de que o povo que leu compreendeu perfeitamente bem o que eu estava falando.

Jornalista: Presidente, licença mais um minutinho. O “É Notícia volta já, já com o Presidente Lula.

Estamos de volta com o Presidente Lula. Presidente, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso escreveu um artigo recente dizendo que o senhor lidera uma espécie de governo, aí, que é um subperonismo e um governo de autoritarismo popular. Ele fala que há hoje uma aliança que envolve interesses do Estado, grandes sindicatos, grandes empresas. Ou seja, ele está acusando o senhor de ser autoritário, de ser um caudilho. Como o senhor responde a essa crítica?

Presidente: Minha mãe dizia que macaco senta em cima do rabo e fica olhando o rabo dos outros, né? Eu acho que o ex-presidente deveria olhar o que ele fez. Ele deveria olhar as alianças que ele fez para aprovar a reeleição, o estabelecimento de uma promiscuidade entre o Congresso Nacional e o



Poder Executivo, deveria olhar o processo de privatização que ele fez, e não ficar julgando. Agora, veja, eu também...

Jornalista: Mas não é parecido com o que o senhor fez? A relação com o Congresso não é parecida?

Presidente: Deixa eu lhe contar: eu também não fico preocupado com as críticas do ex-presidente porque... Eu sinto um poço de mágoa. Eu, às vezes, sinto que ele não fala mais com a inteligência. Ele fala muito mais com o estômago, com o fígado, então, eu tenho coisa mais importante para fazer do que ficar perdendo...

Jornalista: O senhor e ele eram amigos, né? Tinham uma boa relação pessoal, né?

Presidente: Tentamos ser amigos muitas vezes. Eu tomei a iniciativa de apoiá-lo, mas... Bem, eu ainda considero que eu tenho amizade com ele, mas, do ponto de vista político, nós temos discordância. Ele não se conforma, ele e outras pessoas, de ver um peão chegar aqui e fazer mais do que ele. Isso é duro para um intelectual, sobretudo se o intelectual é vaidoso. É duro, porque tudo o que eles esperavam era um fracasso absoluto. Você está lembrado do que diziam de mim: “Lula vai para o estrangeiro, não fala nem inglês”, sabe? E depois, o Brasil ter o respeito que tem no mundo hoje, não é porque eu [não] sei falar inglês, é porque eu sei me respeitar e sei respeitar os interesses deste país.

Jornalista: Quero que o senhor comente outra crítica ao senhor, feita pelo Caetano Veloso. Ele diz o seguinte: “Marina é Lula e Obama ao mesmo tempo. Ela é meio preta, é cabocla, é inteligente como o Obama. Não é analfabeta



como o Lula, que não sabe falar, é cafona, falando grosseiro”. O que o senhor achou dessa declaração do Caetano Veloso?

Presidente: Olha, a minha resposta ao Caetano eu dei ontem à noite. Ontem, à noite, eu cheguei em casa e ouvi...

Jornalista: Na última terça-feira, à noite.

Presidente: ...e ouvi o CD do Chico Buarque, o Chico Político. Aí foi a resposta que eu precisava para mim mesmo.

Jornalista: Agora, Presidente, a oposição se queixa muito de que o senhor não reconhece avanços do governo do Fernando Henrique, e que medidas que ele tomou no governo foram importantes para o sucesso do governo do senhor. O senhor fala assim: “Nunca antes neste país...”, que é uma coisa inaugural. Parece que o Brasil começou com o Lula. É uma crítica que a oposição faz.

Presidente: Não, não. Não, Kennedy, não é isso, todo mundo sabe que não é isso. Quem levanta esse negócio de que parece que o Brasil começou comigo é porque não entende nada do que está acontecendo, Kennedy. É porque é inacreditável, Kennedy! Você sabia que nunca um presidente da República se reuniu com os reitores deste país, Kennedy? Você sabia que, pela primeira vez na história do Brasil, eu sou o único presidente que me reúno com todos os reitores, todos os anos? Eles tinham medo. Nem os presidentes, nem os ministros da Educação. Pela primeira vez na história deste país, nós já fizemos 57 conferências, vai ter a última, de Comunicação, agora em dezembro.

Então, quando eu falo “pela primeira vez” – hoje não sou eu que falo mais, são as pessoas que falam – é porque nós estamos fazendo coisas, Kennedy, que habitualmente não se fazia no Brasil. Eu até mandei tirar nos



meus discursos tudo o que tinha 2002. Eu só quero que coloque agora 2003, para não ficar lembrando. Mas eu acho, Kennedy, que a pior doença do mundo é a inveja. O Fernando Henrique Cardoso governou, ele tem os oito anos dele para ele se deleitar, para falar bem, então fale, fale, fale dele. Deixa eu falar de mim e o outro que vier fala dele. Se cada um for melhor do que o outro, está muito bem. Agora, eu acho que ele, de vez em quando, coloca o fígado em vez de colocar a cabeça para pensar.

Jornalista: Perfeito. Presidente, o senhor tocou, aí, na conferência de Comunicação. O senhor critica muito a imprensa, mas a imprensa foi muito importante para a sua chegada ao poder, ela retratou a sua trajetória. Recentemente, lá em São Paulo, em um evento com catadores de papel, o senhor fez críticas à imprensa e eles vaiaram os jornalistas...

Presidente: Não é verdade.

Jornalista: Não houve uma vaia aos jornalistas lá, Presidente?

Presidente: Não é verdade. Primeiro, eu vou dizer para você, Kennedy...

Jornalista: Mas a pergunta é a seguinte, depois o senhor comenta se é verdade essa parte (incompreensível): o senhor não tem intolerância à crítica da imprensa, Presidente?

Presidente: Não, pelo contrário, não tem ninguém mais tolerante do que eu.

Jornalista: Vamos lá.



Presidente: O que você fala que eu faço crítica, eu chamo de chamar à responsabilidade. Eu acho que todo mundo tem que ter muita responsabilidade.

Jornalista: Não, e a imprensa merece ser criticada, claro. Eu acho que não tem por que não criticar.

Presidente: Então veja um negócio, então veja um negócio. Porque no Brasil parece que não aceitam, parece que é intocável. Então, deixe eu lhe contar uma coisa: o que eu fiz em São Paulo com os catadores de papel? Eu fiquei muito, mas muito emocionado com o ato. Eram 1.500 catadores de papel em uma exposição extraordinária, e eu olhei para a imprensa, era só gente nova, meninos.

Jornalista: Garotada.

Presidente: Meninos. O que eu disse para eles? Olha, a imprensa, vocês deveriam aproveitar e fazer a matéria da vida de vocês. Esqueçam o que os editores de vocês mandaram vocês cobrirem, se metam no meio desse povo, escolham qualquer um e entrevistem para ele falar o que ele bem entender.

Jornalista: Mas o senhor não está jogando os catadores contra a imprensa?

Presidente: Não, não, eu não estou jogando a imprensa... Eu estava querendo...

Jornalista: Não tem esse risco, Presidente?

Presidente: ...levantar a altivez da imprensa, a criatividade da imprensa, para



que ela pudesse fazer uma matéria extraordinária. Ali, não era saber se o Lula falou isso ou falou aquilo. Ali era saber o seguinte: como é que esse povo desgraçado, que era chamado de bandido ontem, que as pessoas viravam as costas para eles, estão prestando um serviço público de extraordinária qualidade? Era isso que eu queria.

Jornalista: Perfeito.

Presidente: Eu jamais, Kennedy, jamais, mesmo no estádio da Vila Euclides, quando 80 mil trabalhadores ficavam pressionando a Rede Globo para dar o número correto, eu era um dos que criticava os trabalhadores que ficavam pressionando. Para mim, liberdade não tem adjetivos.

Jornalista: Perfeito. Antes de a gente ir para o “pinga-fogo”, que é o encerramento do programa, eu queria perguntar ao senhor sobre a Conferência de Copenhague. O governo está definindo, aí, metas ambientais, diz que não vai liderar, o governo brasileiro não vai ter uma meta internacional, não quer se comprometer, vai ter uma meta voluntária dele. O Brasil tem assumido um papel de maior liderança. O Brasil não devia, Presidente, liderar isso e ter uma meta internacional de redução, de redução de carbono, de redução do desmatamento?

Presidente: Ô Kennedy, nós temos que tomar cuidado com duas coisas. A palavra “liderar”, ela é muito sofisticada, para alguém querer liderar. Você não lidera se não tiver quem queira ser liderado. Você tem os países do Anexo I, que são os países ricos, que têm mais obrigações do que os países emergentes. Portanto, eles é que têm a obrigação de dizer claramente quanto eles vão diminuir de emissão de gases de efeito estufa.

O Brasil, de forma voluntária, já anunciou, no meu discurso de 23 de



setembro, na ONU, que nós iríamos reduzir o desmatamento em 80%. Você vai ter surpresa esta semana sobre a questão do desmatamento. Eu não posso dizer agora, porque eu estou aguardando...

Jornalista: Ah, conta aí.

Presidente: ...mas o Brasil chegará lá com números, com metas. Agora, isso é uma coisa voluntária do Brasil.

Jornalista: Está bom.

Presidente: O que nós queremos é que Estados Unidos e China assumam a sua responsabilidade. O Brasil tem 85% da sua energia elétrica limpa, a Inglaterra só tem 2% limpa. Então, é importante os ricos não ficarem dando palpites.

Jornalista: É justo porque eles desmataram, poluíram mais, e se desenvolveram, não é?

Presidente: É lógico.

Jornalista: Perfeito, perfeito.

Presidente: E estão poluindo há 200 anos, nós nem começamos ainda.

Jornalista: Presidente, nós temos aqui, no programa, uma parte que é um “pinga-fogo”, eu queria... pergunto e o senhor responde rapidamente, ali, e tal. Filme preferido do presidente Lula.



Presidente: Olha, o filme que marcou a minha vida, por causa da minha história, foi o “Cinema Paradiso”. Eu até brinco agora que, quem sabe, “O Filho do Brasil”, quando eu assistir, vai ser o filme.

Jornalista: Já assistiu o filme, não?

Presidente: Ainda não.

Jornalista: “Lula, o Filho do Brasil”?

Presidente: Eu só quero assistir com a minha família. Mas o “Cinema Paradiso” é porque a imagem... primeiro, que é um filme lindo, a música é maravilhosa, e o filme me lembra a cena de eu ver filme em uma padaria, assim, na parede de uma padaria, com aquela máquina “trec, trec, trec”, e a gente em pé, lá, vendo o filme. Então, aquilo foi uma coisa maravilhosa.

Jornalista: Legal. Presidente, um diretor de cinema preferido.

Presidente: Olha, eu poderia pegar o Clint Eastwood, porque... é engraçado, porque ele é um artista que não tem grande destaque mas, daqui a pouco, o cara ganha Oscar como diretor, Oscar como...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Eu acho que aquela história daquela moça que luta boxe...

Jornalista: “Menina de Ouro”.

Presidente: ...é uma história tão simples, que ele conseguiu fazer um belo



filme.

Jornalista: É lindo o filme, a gente chora pra diabo. Um ator preferido.

Presidente: Brasileiro?

Jornalista: Ou estrangeiro.

Presidente: Se for brasileiro, eu vou dizer Antônio Fagundes, eu vou...

Jornalista: Perfeito, está valendo. Uma atriz preferida do presidente Lula.

Presidente: Eu vou falar aqui, do Brasil. Deixa eu ver, tenho muitas amigas aqui, eu não posso criar... Eu acho que Fernanda Montenegro.

Jornalista: Uma música preferida.

Presidente: Música? Ah, tem tantas... Mas tem uma que eu adoro muito, que é “Triste Partida”, de Patativa do Assaré, cantada pelo Luiz Gonzaga, que marca muito a minha vida.

Jornalista: Sabe como é? Sabe um trequinho, não?

Presidente: Não, mas eu não vou cantar.

Jornalista: Não, mas fala.

Presidente: Eu não tenho a voz do Zé Alencar.



Jornalista: O Zé Alencar (incompreensível)

Presidente: É uma, da família que sai do Nordeste e vem para o Sul.

Jornalista: O cantor preferido do presidente Lula.

Presidente: O meu cantor? Chico Buarque.

Jornalista: Cantora preferida.

Presidente: Cantora preferida... Hoje?

Jornalista: Hoje ou...

Presidente: Marina Monte.

Jornalista: Marisa Monte.

Presidente: Marisa Monte.

Jornalista: Um ídolo do presidente Lula.

Presidente: Eu tenho muitos ídolos. Eu tenho ídolos no futebol, tenho na política, tenho... Você quer em que área?

Jornalista: Vale no futebol.

Presidente: No futebol, eu acho que o Pelé é o eterno ídolo de todo mundo.



Jornalista: Um livro preferido do senhor.

Presidente: Eu, agora, estou acabando de ler “Leite Derramado”, do Chico Buarque.

Jornalista: Está gostando?

Presidente: Que eu acho que é, talvez, a primeira obra-prima dele como livro. Eu acho importante.

Jornalista: Legal. E uma frase, um pensamento do qual o senhor goste, um poema, Presidente.

Presidente: Olha, eu, na verdade, queria lembrar de um poema do Carlos Drummond de Andrade, que...

Jornalista: Diz mais ou menos o quê?

Presidente: Não, é um poema. Eu não sei se o título do poema é “Namorar ou não, eis a questão”. É um belo de um poema, é uma coisa maravilhosa, que eu vou arrumar uma cópia e vou te dar.

Jornalista: Ótimo. Presidente, quero agradecer muito a sua entrevista ao “É Notícia” hoje, que a Rede TV está fazendo 10 anos. Foi uma excelente entrevista, o senhor está convidado de novo para dar uma entrevista para o “É Notícia” até o final da Presidência, e aquela primeira entrevista depois, que nós vamos falar. Presidente, muito obrigado, valeu.

Presidente: Kennedy, obrigado a você e parabéns à Rede TV pelo aniversário.



Jornalista: Obrigado. Beleza. “É Notícia” volta na semana que vem, logo após o Doutor Hollywood. Você pode ver e rever esta e outras entrevistas no site da Rede TV: www.redetv.com.br/enoticia tudo junto, sem acento. Tenha uma boa noite e uma excelente semana.

(\$31DHJLP)